

*Os Bairros das Pessoas.
Entrevista a Vítor Matias Ferreira, no âmbito do
programa televisivo “Entre Nós”/Universidade
Aberta, RTP, 2007*

*People’s Neighbourhoods.
Interview with Vítor Matias Ferreira for the television
programme “Entre Nós”/Universidade Aberta, RTP, 2007*

Elisa Antunes¹

Entrevista conduzida por Raquel Santos em 2007, no âmbito do programa ‘Entre Nós’, da Universidade Aberta. Transmissão pela RTP, com realização de Elisa Antunes

Transcrita por Mariana Leite Braga e editada por Maria Assunção Gato

Disponível em acesso aberto no Repositório da UA: <https://educast.fccn.pt/vod/clips/1okb-fdf217/html5.html?locale=pt>



¹ RTP, para a Universidade Aberta, Portugal, entrenos@univ-ab.pt

Raquel Santos (RS): Bem-vindos ao Entre Nós. O tema do programa de hoje é 'Os bairros das pessoas'. Convidámos Vítor Matias Ferreira, professor catedrático aposentado do ISCTE-Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Vamos falar de uma zona histórica de Lisboa, o bairro da Graça. Abordaremos também na nossa conversa a zona oriental de Lisboa, um dos mais recentes processos urbanísticos da cidade. Senhor Professor Vítor Matias Ferreira, muito obrigada por ter aceitado o convite. Falei em dois bairros muitíssimo distintos, mas em Lisboa há muitos mais bairros. Aliás, Lisboa é uma cidade muito heterogénea se atentarmos às especificidades de cada um dos bairros que a integram. O Professor trata e investiga Lisboa há muitos anos, não só a cidade como o país inteiro, embora com particular incidência a metrópole, portanto a cidade de Lisboa. Porque é de facto muito diversificada e por isso também muito sedutora de se investigar? É entusiasmante estudar Lisboa?

Vítor Matias Ferreira (VMF): Tem sido, realmente! Efetivamente investi, digamos assim, em termos profissionais e em termos académicos, durante os últimos 20 e tal anos de atividade universitária nessa tarefa. A minha tese de doutoramento foi já sobre Lisboa, em dois momentos de evolução da cidade. Posteriormente, também em outras circunstâncias, não deixei nunca de abordar Lisboa, não só porque é a minha cidade natal, onde eu nasci, mas porque é a cidade de que eu gosto muito, embora haja outras cidades tão bonitas ou tão interessantes como Lisboa.

RS: De acordo com o estudo que fez, realça quatro momentos de mudança na cidade, relativamente às implicações sociais e também urbanísticas. Que momentos são esses? O primeiro momento data já do século XVIII, é isso?

VMF: Exatamente! O primeiro momento decorre da catástrofe que foi o terramoto de 1755 e diz respeito a toda a reconstrução da cidade pombalina, no tempo do Marquês de Pombal. É o grande marco da modernidade histórica de Lisboa, poderíamos dizê-lo assim. O final do século XVIII é também um período do iluminismo, do racionalismo... É contemporâneo dessas ideias realmente fortes em várias áreas, e particularmente também na área urbanística.

RS: São essas ideias que perpassam o modelo proposto e executado, não é?

VMF: Claro, claro!. E esse modelo ainda é hoje perene. Ou seja, ainda hoje nos referimos à Baixa Pombalina. O centro da intervenção de Pombal, no seguimento do terramoto de 1755, ainda é hoje a grande referência. Esse é o primeiro marco, dentro deste período da modernidade histórica. Obviamente que a história de Lisboa é muito mais antiga. Depois há um segundo momento em que esse modelo Pombalino, digamos assim, faz história e consolida-se até finais do século XIX. Mas aí o modelo fecha-se muito sobre si próprio. E, portanto, as novas expansões urbanas, as novas exigências da própria economia não eram compatíveis com um modelo urbano em que a capital do país acabava por ficar um pouco encerrada nesse modelo Pombalino. No fundo, aquilo que nós hoje conhecemos como Restauradores, era o Passeio Público na altura do modelo Pombalino. Era o limite da cidade, digamos assim. Portanto, a intervenção nos finais do século XIX, com a criação da Avenida da Liberdade e com a expansão para norte da cidade, rompe esta lógica interna, esta lógica virada para o umbigo Pombalino, como eu uma vez chamei, e abre para o exterior e para Norte. No fundo, inverte a lógica urbana até então. Isso marca, de uma forma muito acentuada a expansão de Lisboa. As Avenidas Novas são dessa altura, dos finais do século XIX. Essa lógica vai perdurar, digamos, até aos anos 1930, 1940, que é o período do Estado Novo.

RS: Será um terceiro momento?

VMF: Que é um terceiro momento, sim.

RS: Mas ainda no segundo momento, eu gostaria, entretanto, também de reforçar uma ideia que o Sr. Professor avança e que é o voltar de costas ao rio. Falamos da modernidade em Lisboa, mas em termos ancestrais e partindo da gênese da própria cidade, a proximidade com o rio era tremenda, pois a cidade nasce junto ao rio. E esse é um momento do voltar de costas, não é?

VMF: Exato! Não direi que o voltar de costas é só dessa altura. Mas há um problema aqui neste rio, que é um mar urbano. Ou mesmo um mar metropolitano, se pensarmos agora já na contemporaneidade, e que a metrópole de Lisboa é uma cidade de duas margens. Temos um estuário a estruturar esta cidade de duas margens.

RS: E até extravasa o próprio limite administrativo, não é?

VMF: Completamente! Mas a dimensão deste estuário - que me parece correto falar de mar urbano - também foi impeditiva da expansão de Lisboa para Sul. E efetivamente é um obstáculo físico, digamos assim. Só mais tarde é que vai ser vencido com os meios de comunicação mais desenvolvidos que se foram entretanto criando. Mas é verdade que essa expansão é para Norte, também porque para Sul estava muito condicionada pelas dimensões significativas do estuário. E portanto, quase que fatalmente a cidade se expande para Norte e expande-se para o Ocidente, porque o Oriente..., e aí é uma história também muito curiosa..., em muitas cidades da Europa é a expansão para a parte ocidental que é privilegiada e é a primeira. Em termos sociais, esta realidade também marca uma clivagem significativa, e em Lisboa isso foi claro. Ou seja, para o Oriente ficou durante anos - e ainda estão - as implantações industriais, os bairros operários, etc. E para o Ocidente eram os bairros mais burgueses da época, digamos. Foi aí que foi a Exposição do Mundo Português, nomeadamente em Belém.

RS: E razões para isso? Haverá, seguramente?

VMF: É muito curioso, eu acho que essa reflexão se mantém há muitos anos e por parte de muita gente. Eu acho que há razões de diversa ordem, mas também de ordem climática. A intervenção na zona da Expo, por exemplo mostra isso. É certo que foi uma intervenção numa zona que estava muito degradada e muito abandonada por um lado, mas foi um bocado...

RS: Foi uma zona reabilitada e reconvertida para 98, para essa efeméride, não é?

VMF: Exato, foi reconvertida, mas é um pouco lutando contra a adversidade do clima, porque é uma zona muito mais exposta do que a zona ocidental. Haverá razões aqui que me escapam, certamente, porque não são da ordem nem da sociologia nem da urbanística, e que são mais questões de ordem climática, de ordem cósmica..., bom, que sei eu sobre isso? Mas é muito curioso. Há muitas cidades, mesmo em Paris por exemplo, em que a zona ocidental sempre foi uma zona privilegiada, e a zona oriental sempre foi muito mais desprestigiada em termos sociais, digamos assim.

RS: Mas é muito curioso o Sr. Professor falar de outras ciências que concorrem e dão muita contribuição, naturalmente, para o conhecimento que temos das situações e daquilo que acabou de descrever sobre a zona oriental. As razões pelas quais as cidades vulgarmente crescem primeiro a Ocidente e só depois se expandem para o Oriente. Recordo o seu trabalho no Centro de Estudos Territoriais, que ajudou a fundar, e do qual se mantém como associado, e que é um centro de estudos ligado ao ISCTE e que é multidisciplinar.

VMF: Sim, sim.

RS: Portanto, tem sociólogos, tem geógrafos...

VMF: Urbanistas, tem arquitetos. Economistas.

RS: E que desenvolvem inúmeros estudos e investigações no sentido de um saber mais completo, mais apurado. Foi essa a aposta?

VMF: Sim, é um centro de pequena dimensão, de qualquer forma. De resto, o ISCTE criou, desde há uns anos para cá, vários centros de investigação. E o Centro de Estudos Territoriais, que já tem alguns anos de vivência, apostou muito nessa visão pluridisciplinar dos temas, muito centrado sobre questões urbanas e territoriais. Daí a designação, mas procurando que essa visão não fosse exclusivamente nem sociológica, nem da economia, nem da antropologia, pelo contrário.

RS: Mas que envolva todas elas também?

VMF: É isso. E os projetos que foram desenvolvidos, muitos deles foram sempre procurando abordar os assuntos nessas várias perspetivas, realmente.

RS: Havemos de voltar à zona oriental de Lisboa, à denominada 'zona da Expo' como todos a conhecemos. Mas regressemos ao terceiro momento, no século XX. Já estamos no século XX.

VMF: O terceiro momento foi um dos períodos que analisei na minha tese de doutoramento, em meados dos anos 1980. Foi uma descoberta espetacular para mim, confesso. Eu cresci no período do salazarismo, os anos 1950 até aos anos 1960 do Estado Novo. Um período muito autoritário e, portanto, a visão que eu tinha do salazarismo era uma visão muito cinzenta e autoritária, como

se sabe também. A pesquisa que fui fazendo em relação a Lisboa e, particularmente, em torno de uma figura-chave que é o engenheiro Duarte Pacheco, deixou-me um pouco espantado. Por um lado, a dimensão autoritária, do ponto de vista político, obviamente que se manteve de uma forma muito forte. Mas, por outro lado, foi possível dar conta de uma perspetiva também modernista em relação à cidade. Ou seja, Duarte Pacheco e a sua equipa, na fase inicial, estava rodeado de arquitetos modernistas, como Keil do Amaral, por exemplo, e vários outros. Era toda uma geração de arquitetos modernistas, do ponto de vista da arquitetura e do urbanismo, como se chamava na altura, e a equipa que está em torno de Duarte Pacheco nos finais dos anos 30 – já agora, como precisão histórica, o Duarte Pacheco foi ministro das Obras Públicas de 1932 a 1936, depois de 1936 a 1938 - vai estar na Alemanha, sai do país e vai conhecer outras situações. E em 1938 ele é chamado para ser presidente da Câmara de Lisboa, e nomeado pelo presidente do Conselho, Oliveira Salazar. Em maio de 1938, penso eu, ele é novamente nomeado ministro das Obras Públicas, como tinha sido antes. Ora bem, esta dupla condição de Duarte Pacheco, como presidente da Câmara de Lisboa e ministro das Obras Públicas, num regime autoritário como era o Estado Novo, deu, por um lado, uma margem de manobra e de intervenção fortíssima, e felizmente, digo eu, apesar de tudo. Porque esta dimensão autoritária manteve-se, mas também teve esta dimensão modernista, e sobretudo houve, talvez pela primeira vez, pelo menos nos anos mais recentes do século XX, uma ideia para a cidade. Ou seja, o Duarte Pacheco e a sua equipa tinha um projeto de cidade...

RS: Consegue especificar um pouco mais o que era esse projeto de cidade, em que é que ele consistia?

VMF: Era a capital do Império, afinal de contas, isso aí, sem dúvida. Portugal assumia-se como um país colonial, colonizador, e portanto, tinha Portugal e o Ultramar, sendo Lisboa a capital do Império. Lisboa era assumida como estatuto imperial, ao fim ao cabo, e tinha de estar de acordo com a história e com o projeto político e ideológico do Estado Novo. Ou seja, nada disto está dissociado, como é óbvio. O que é certo é que Duarte Pacheco é a figura simbólica desta visão, mas a equipa que está com ele é, obviamente, fundamental. É de admitir que a cidade haveria de se expandir, haveria de crescer. E há todo um processo que, de resto, foi muito polémico envolvendo expropriação de terrenos à volta de espaços que até então eram densamente ocupados. Terrenos onde hoje está o aeroporto da Portela, ou Monsanto também..., nessa altura estavam fora da zona consolidada de Lisboa e foram terrenos expropriados como terrenos rurais, e por “tuta e meia” para usar uma expressão popular. Sabia-se, obviamente, que depois de serem expropriados e apropriados pelo município, seriam postos - como foram - em hasta pública, para serem urbanizados. Portanto, com umas diferenças de mais-valias que, durante décadas, foram uma fonte de receita para o município de Lisboa. Houve esta visão, por um lado, antevendo já o crescimento e a expansão da cidade. Mas jogando também com este ardid, ao fim ao cabo, do artifício da valorização dos terrenos. O que é certo é que Duarte Pacheco morre em 1943, num acidente de viação brutal, e aí houve quem festejasse a morte dele, como os proprietários fundiários, mesmo construtores e etc. Festejaram porque, obviamente, era ele a figura que simbolizava toda esta expropriação violenta.

RS: A visão do sociólogo, permita-me senhor professor Vítor Matias Ferreira, relativamente aos factos e aos acontecimentos, os anos 1960 são anos de expansão demográfica, mas também, e obrigatoriamente, territorial, com a consequente desertificação do centro da cidade, que está mais destinado ao setor terciário...

VMF: Sim. É um processo que, a partir dos anos 1960 se vai acentuando e dramatizando, ao fim ao cabo. No fundo, tem a ver com o tal cinzentismo de que há pouco eu falava. A partir dos anos 1960, por influências exteriores também, Portugal não pôde deixar de não se expandir economicamente. Ou seja, há a intervenção de muitas multinacionais no país e, particularmente, sediadas em Lisboa. E, portanto, tudo isto faz esta expansão económica, este crescimento económico a partir dos anos 1960, apelando às populações do país em geral, sobretudo do Norte, mas também do Sul, para virem trabalhar em Lisboa. E este processo migratório vem. Mas aqui há um ardid também curioso, ou seja, há o chamariz da cidade, que é atrativo para estas populações. Mas elas depois não ficam na cidade. Vão viver para as periferias, muitas delas em condições muito precárias, como se soube. E como ainda se vê...

RS: Como por exemplo, as populações do Alentejo na margem Sul, não é?

VMF: Exato! A Margem Sul de Lisboa é ocupada sobretudo, por populações que vêm do Alentejo. Ao

passo que a Norte de Lisboa são populações que vêm, nomeadamente...

RS: Do Centro, da região Centro?

VMF: Do Centro, precisamente! Porque o Porto depois também vai ter um processo equivalente de movimentos migratórios, de atração urbana, ao fim ao cabo. E, portanto, a partir dos anos 1960 até aos anos 1980 é esta expansão um pouco desarticulada. Há um fenómeno que foi de resto bastante estudado lá no Centro de Estudos Territoriais, que foi o fenómeno da habitação clandestina, isto é, a ocupação de bairros na periferia de Lisboa, a Norte e a Sul - casos inacreditáveis de terrenos que eram rurais e que eram, pura e simplesmente, loteados e ocupados clandestinamente, sem planos, sem infraestruturas, sem nada - por essa população que vem trabalhar e que não tem outro modo de habitação que não seja este processo clandestino, não é?! Isto depois, a seguir ao 25 de abril de 1974, ainda se acentua, porque na altura era...

RS: Com a vinda dos portugueses das ex-colónias?

VMF: Depois há esse regresso dos retornados de África, por um lado, mas também regresso de emigrantes do estrangeiro, porque a crise também começa a acentuar-se e alguns deles querem regressar. Tudo isso é uma mescla, é um magma de misturas. O que é certo é que desde os anos 1960, e particularmente nos anos 1980, há aqui uma massa crítica, não exclusivamente de Lisboa e não exclusivamente urbana, também suburbana, mas que tem uma interação..., forma uma malha muito compacta de movimentos pendulares, que diariamente se vê nos estrangulamentos das entradas, de manhã, e nas saídas da cidade ao fim do dia. Mas tudo isto cria uma malha de interações e de dinâmicas muito forte, que eu penso que haveria lugar para falar da metrópole de Lisboa. Haverá lugar.

Existe uma designação, que é similar a esta, mas que me parece política e urbanisticamente incorreta, mas está institucionalizada há muitos anos, que é a Área Metropolitana de Lisboa. Mas a Área Metropolitana de Lisboa tem mais a ver com a região de Lisboa. E essa sim, tem pertinência existir enquanto região. Ao passo que Lisboa, que já não é a cidade e o concelho, é a tal metrópole que, como há pouco também lembrava, teve este processo de desertificação..., porque isso é uma longa história também...

RS: E que nos levaria a muitos mais programas do que este, Sr. Professor Vítor Matias Ferreira. Mas em que medida é que, depois do que acabou de descrever relativamente à modernidade de Lisboa, os bairros históricos, nomeadamente o bairro da Graça - ao qual aludi no início da nossa conversa e que é o seu bairro de residência já há muitos, muitos anos, o seu bairro de residência e de eleição, quem sabe? não sei se trocaria o bairro da Graça por outro?

VMF: Bom, há vários bairros de Lisboa de que eu acho... Eu, de resto, sou originário do bairro de Alcântara. Nasci na zona do bairro de Alcântara. Portanto, também tenho um afeto mais ancestral com esse bairro. Mas há muitos bairros de Lisboa onde eu gostaria também muito de viver. No caso da Graça, é óbvio que ao fim de 30 e tal anos de viver, inclusivamente numa casa que tem umas condições muito particulares, uma casa enorme e da qual eu vejo o rio e etc. Bom, talvez também por isso é que o bairro da Graça é indissociável do sítio onde eu moro. Porque se por acaso estivesse numa casa em piores condições, talvez já não estivesse a morar na Graça.

RS: O que é que o Senhor Professor gostaria de realçar relativamente a este bairro histórico em particular, e tendo em conta tudo o que já disse? Que alterações é que este bairro histórico, a par de outros, tem sofrido ao longo dos tempos?

VMF: Pois. Isso é muito visível e não é preciso sequer fazer nenhum estudo em particular. Basta viver lá e andar por lá. Por um lado, o envelhecimento é muito acentuado no bairro. Mas isso está generalizado pelos bairros históricos de Lisboa e das cidades no país. O Porto também tem situações semelhantes. Portanto, há o envelhecimento. Mas nos últimos anos, aquilo que na gíria técnica se chama - e que vem da linguagem anglo-saxónica - de gentrification, a gentrificação numa tradução literal, que é a vinda para zonas históricas de população de estados médios altos, e que vem porque desde há uns anos para cá existe esta ideia de viver num bairro histórico da cidade. Alfama está particularmente transformada também por isso. Mas não só, o Bairro Alto também..., ou seja, os bairros históricos têm vindo, de forma progressiva - e a Graça não foge a exceção, é visível mesmo no prédio onde eu moro, os novos vizinhos que têm vindo a chegar - a atrair estados médios altos que

vieram a descobrir que é bom viver na cidade velha, na cidade histórica, e isso é algo que é visível também na Graça. Ou seja, a Graça tem um envelhecimento muito acentuado, por vezes um pouco deprimente, sinceramente, porque são populações idosas, mas muito carenciadas também em termos sociais. E contrasta com estes recém-chegados, dos últimos 10 a 15 anos, que praticamente também não andam muito no bairro. Mas o bairro está hoje mais heterogéneo por estas situações.

RS: Agora temos de dar um salto até à zona oriental de Lisboa, muito mais recente aliás, como também já foi dito ao longo da nossa conversa, e que é uma situação que é muito comum, inclusivamente noutros países. O relançamento desta proximidade com o Rio é um dos mais recentes processos urbanísticos de Lisboa. E relativamente a esta zona, Senhor Professor?

VMF: Bom, eu talvez seja uma pessoa um bocadinho suspeita para falar disso, porque...

RS: Acompanhou, de 1994 a 1999, toda esta reconstrução urbanística...

VMF: Exato! Criei no Centro de Estudos Territoriais, com um colega meu e amigo de longa data de Veneza, um Observatório para o projeto urbano da Expo. Não a própria Expo, porque era uma efemeridade passageira, mas para aquilo que ia ficar, o projeto urbano. E aí, ao longo desses cinco anos, fomos acompanhando e dando conta de várias situações. De início, eu fui um dos que, como a maior parte das pessoas, aplaudiu a ideia de requalificar aquela zona que, como há bocado vimos, era uma zona degradada, uma zona decadente e estava extremamente poluída, etc. Portanto, o requalificar aquela zona era algo extremamente necessário e importante. Acontece que o projeto inicial não era exclusivamente centrado na zona onde foi a Expo e o espaço envolvente. Era a zona oriental de Lisboa. O que estava em causa era a zona oriental. E o que se foi verificando foi que o projeto ia ficando cada vez mais confinado numa área muito particular. Hoje, oito anos depois, só se acentuou aquilo que nós já tínhamos detetado em 1999, como a densificação, a concentração, exatamente porque o projeto foi de custos muito elevados. Embora essa seja uma questão que nunca haveremos de saber, os custos reais que toda aquela operação teve. Porque a engenharia financeira - e mesmo aquela ideia um pouco peregrina em que alguns acreditaram, incautos como somos - do custo zero obviamente que não se verificou, pelo contrário. Portanto, ali os aspetos críticos são importantes. Isso está numa publicação (Ferreira et al., 1999), não vale a pena talvez lembrar agora. Mas também existem aspetos positivos e importantes do projeto, porque jogou com a intervenção na frente d'água. Ou seja, à semelhança do que já tinha havido uns tempos antes, nomeadamente na zona de Alcântara, na intervenção das docas como é designada. Tal como na zona das docas - que de resto, leva a pensar que não deixa de não haver uma cultura das docas desde essa altura - a intervenção na zona da Expo, do projeto urbano, também jogou muito com aquele mar urbano, aí claramente o Mar da Palha, de resto tem esse nome, Mar da Palha.

RS: Precisamente.

VMF: Esse foi um trunfo fortíssimo. E de tal forma que hoje as pessoas gostam muito daquela zona, ainda que o clima aí não seja sempre muito favorável. Mas enfim, deixemos isso. Obviamente que o problema não está naquela zona junto ao mar, junto ao rio, junto ao Tejo para ser mais preciso, que é no fundo, a zona central de todo o projeto. A intervenção no espaço público é de qualidade, é muito interessante, e isso não está em causa. Só que o projeto urbano era muito mais amplo do que isso...

RS: Senhor Professor Vítor Matias Ferreira, assim como a nossa conversa podia ser muito mais longa, porque os temas vão-se sucedendo, vou deixar então, uma sugestão de leitura para os nossos telespectadores que ficaram - tal como diz o título, Fascínio da Cidade - fascinados por esta temática; Fascínio da Cidade: memória e projeto da urbanidade, o livro da sua autoria (Ferreira, 2004). Professor Vítor Matias Ferreira, foi um prazer a nossa conversa. Muito obrigada por ter aceitado o convite.

REFERÊNCIAS

Ferreira, V. M., Indovina, F. (org.) (1999). A Cidade da Expo'98. Lisboa: Bizâncio.

Ferreira, V. M. (2004). Fascínio da Cidade: memória e projecto da urbanidade. Lisboa: Ler Devagar.